

SLIM, H. e FAUQUÉ, N. *La Tunisie Antique: de Hannibal à Saint Augustin*. Paris: Éditions Mengès, 2001, cap. 8, pp. 148-193.

[Texto traduzido livremente por Regina H. Rezende]

Cap. 8: A ascensão das cidades e da vida urbana

O império romano surgiu, do lado das províncias, como um vasto conjunto de cidades, cada uma formada como uma pequena república que se compunha de um território mais ou menos extenso e contava com uma relativa autonomia de gestão. A cidade se revestia, aos olhos dos romanos, de uma importância fundamental. Ela constituía, pelo seu sistema social, político e cultural, o próprio suporte da romanidade e o instrumento essencial da romanização.

O quadro jurídico e urbanismo

Cidades e status jurídicos

Os historiadores do mundo romano ficaram impressionados com a forte densidade da implantação urbana que caracterizou a África em comparação a numerosas outras províncias que permaneceram profundamente rurais. Com efeito, no apogeu do Império, o território correspondente à Tunísia atual não comportava mais do que duzentas cidades, contra os quinhentos que faziam parte do conjunto do Maghreb antigo.

No decorrer do século II, a maior parte das cidades autóctones estavam prontas para sua romanização e modificaram suas constituições municipais para o modo romano. A transformação se realizou de forma progressiva, e foi enormemente facilitada pela similaridade entre as instituições municipais púnicas e romanas. Quando o imperador Caracalla decide, em 212, estender o direito à cidadania romana à todos os habitantes livres do Império, ele não faz mais do que sancionar uma evolução já realizada na África proconsular.

A cidade romana, assim como sua predecessora púnica, considerava que o poder era uma emanção da vontade do povo, representada pela assembléia popular que se reunia na grande praça pública, a ágora ou o forum, e reunia todos os cidadãos.

O poder era exercido na realidade pelo senado municipal, ou *ordo* e pelos magistrados. Esse conselho era formado por uma centena de membros, chamados *decuriões* e depois, a partir do século IV, *curiales*. Sua organização reproduzia aquela do

Senado romano e os seus membros eram designados seguindo uma hierarquia precisa, um lugar era determinado pela posição de seu grupo no interior da cúria, ou a sala de reunião dos senadores, situada sempre próxima ao fórum.

Para ascender ao Senado e às magistraturas, era necessário ser fortunado e disponível. De fato, os titulares dessa função praticamente não eram remunerados, e como suplemento eram-lhes exigidas contribuições substanciais para a realização de obras de interesse comum. A partir do momento em que entravam nessa função, os magistrados deviam depositar na caixa da comunidade uma quantia que variava segundo a importância da cidade e sua posição na magistratura. Dita “honorária” ou “legítima”, essa quantia era o mínimo que os novos magistrados tinham que suportar repassar se quisessem atrair uma popularidade satisfatória. Eles também rivalizam com a sua generosidade, organizando festins e espetáculos, distribuição de dinheiro, e dotando as cidades de monumentos públicos. Como resultado dessa emulação dos notáveis temos uma profusão de monumentos e melhorias urbanas, como também muitas realizações de conforto.

Como em Roma, as magistraturas no interior das cidades romanas da África eram anuais e colegiais. Em sua entrada na carreira hierarquizada de honras, ou *cursus honorum*, o magistrado ocupava a função de questor, o que o levava a gerir as finanças municipais. Ele se tornava em seguida edil, encarregado dos trabalhos públicos e dos mercados. Alcançava em seguida a função de *duumvir*, que ele exercia com um colega ao nível da colônia, ou com três colegas ao nível do município, o que lhe conferia o título de *quattuorvir*. Esses eram verdadeiros cônsules em miniatura. Na cidade, suas atribuições eram múltiplas: presidência dos assentos do senado local, organização das despesas, execução das leis e decretos do poder central, manutenção da ordem pública, julgamento das questões locais e delitos cometidos pelos escravos... O ápice de uma carreira municipal era a ascensão à função de *duumvir quinquennalis*. Essa última possuía uma prerrogativa excepcional, não intervindo mais do que uma vez a cada cinco anos, e que consistia em realizar o censo, determinando a fortuna de cada cidadão e o lugar que lhe pertencia dentro da hierarquia social. Esses duumvires quinquennales realizavam dessa maneira uma das tarefas fundamentais das municipalidades romanas: repartir e recolher, para os cofres do poder central, os impostos, cuja taxa global era fixada, para cada cidade, pelo governador da província.

Ao mesmo tempo em que romanizaram juridicamente as cidades para responderem aos imperativos de ordem estratégica, política e cultural, foi também empreendido um esforço no sentido de adaptar as estruturas e as paisagens urbanas ao modelo clássico romano, que se caracterizava pela regularidade geométrica e a presença de certos edifícios.

O urbanismo e as paisagens urbanas

No decorrer do longo período pré-romano, o estabelecimento e a configuração das cidades eram muitas vezes ditados por razões históricas precisas e por imperativos estratégicos, em particular de segurança.

Depois da conquista romana, a preocupação com segurança é atenuada e dá lugar às comodidades e vantagens que os sítios ofereciam. Seu valor estratégico não era por isso negligenciado. Assim, Cartago deve sua ressurreição tanto à sua posição vantajosa na bacia do Mediterrâneo quanto às suas outras numerosas vantagens. A criação de cidades como Cillium, Sufetula e Thélepte respondia à imperativos políticos e militares: era preciso favorecer a sedentarização dos nômades da estepe alta e ao mesmo tempo fazer uma barreira às tribos gétulas¹.

Dois tipos de cidade devem, entretanto, serem diferenciados: aquelas que tiveram todas as suas estruturas criadas pela colonização romana, com seu urbanismo planejado, e aquelas onde a presença de um centro antigo obriga o esquema romano de desenvolvimento a ser modificado.

Timgad, na Argélia, é o modelo mais representativo de criações *ex nihilo*. O plano da cidade lembra o campo da IIIª Legião Augusta, que ela sucedeu. Foi Trajano que decidiu fundar essa colônia em 100 d.C. A legião foi transferida à Lambèse e foi necessário instalar os veteranos e suas famílias. O lugar escolhido era um platô de perfil bastante regular, onde os princípios do urbanismo romano puderam ser aplicados sem obstáculos.

O urbanismo romano repousava sobre princípios antigos. Eles tinham se originado em Roma, onde uma tradição etrusca prescrevia a orientação da cidade segundo os astros e onde os traçados urbanos respeitavam as regras do campo militar, e no mundo grego, onde esse tipo de urbanismo colonial foi estabelecido no século V a.C. por Hipódamo de Mileto, tendo sido amplamente difundido pela civilização helenística. Na

¹ Gétulos são grupos nômades que viviam próximo a Cartago (nota da tradutora).

África, esse modelo era particularmente antigo, uma vez que ele tinha sido aplicado tanto em Kerkouane quanto em Cartago, como atestou a recente campanha internacional de escavações. Contrariamente ao que se acreditou por muito tempo, esse tipo de traçado não constituiu de forma alguma uma novidade trazida pelos romanos.

As cidades novas criadas *ex nihilo* pelos romanos eram, como vimos, pouco numerosas no atual território da Tunísia. As mais conhecidas e conservadas são Cartago, Sufetula, Ammaedara, Thélépte e Cillium. Seu urbanismo era do tipo colonial, organizado segundo um plano preestabelecido, em forma de tabuleiro de xadrez. A cidade era inscrita em um quadrado ou um retângulo. Duas grandes ruas traçadas pelos medianos formavam as artérias principais e se cruzavam no seu centro: uma delas, de orientação norte-sul, era o *Cardo maximus*, a outra, orientada na direção leste-oeste, era o *decumanus maximus*. As vias paralelas à esses dois eixos principais constituíam os *cardines* e os *decumani* e formavam as *insulae* ou quarteirões, onde eram construídos os monumentos públicos e as habitações. As dimensões das ruas e dos quarteirões variavam consideravelmente de uma cidade para outra. Em geral, no ponto de intersecção de seus dois grandes eixos se desenvolvia uma praça que constituía o forum, centro político, religioso e comercial da cidade, mas este poderia ser descentralizado por razões topográficas. Na extremidade das duas maiores artérias abriam-se as quatro portas principais da cidade, nos quatro pontos cardeais.

Contudo, em muitas cidades mais antigas de origem púnica ou númida, de traçado menos rigoroso, o urbanismo romano teve que se adaptar. Contingências históricas ou topográficas as impedem de desenvolver esquemas geométricos. Os construtores, dependendo do caso, conservam os núcleos antigos e os bairros velhos nas ruas irregulares, ou constroem novos edifícios em degraus nas encostas, que acabam em caminhos sinuosos. Dougga ilustra bem essas transgressões ao ordenamento clássico. O sítio da cidade era, realmente, muito acidentado. A aglomeração pré-romana se estabelece sobre um terreno escarpado onde as partes mais altas atingiam 600 metros e as mais baixas 500 metros. O primeiro núcleo urbano se desenvolve portanto na parte mais alta, depois os monumentos públicos e privados se estabelecem pouco a pouco nas encostas e no platô. Atrélada ao flanco da colina, a cidade devia aparecer como uma massa compacta onde se destacam alguns monumentos, tais como o capitólio, as termas e o teatro. As ruas eram sinuosas, estreitas e de dimensões irregulares. Pavimentadas com grandes paralelepípedos e dotadas de um sistema de esgoto elaborado, elas não comportavam calçadas e em sua maioria os pedestres não conseguiam andar.

Uma cidade como Thuburbo Majus deve sua fundação aos recursos proporcionados pelo fértil vale do oued Miliane. Não se sabe ainda se a primeira aglomeração foi uma criação berbere ou púnica. Construída no flanco de uma encosta, ela apresenta um plano irregular, particularmente no seu centro, onde o traçado da cidade romana parece ter sido sobreposto àquele de uma cidade preexistente. Somente o bairro ocidental parece ser bastante regular, do que se pode supor que a cidade pré-romana não se estendia nessa direção. Assim, se os caminhos principais têm uma orientação quase paralela ao fórum, é porque eles são unidos por “traçados em zigzagues, com alargamentos, estreitamentos e ruas sem saída, e não conseguem uma brecha até a praça propriamente dita, ligada somente nos seus ângulos por verdadeiras tripas, muito irregulares” (Gilbert-Charles Picard).

Thysdrus (El Jem), ainda que muito menos conservada que Dougga, constitui igualmente um exemplo notável de adaptação à realidade histórica. A cidade, construída em um terreno inteiramente plano, de horizontes vastos, reúne dois tipos de urbanismo e de organização do espaço: à um núcleo central antigo, maciço e compacto, mal arejado por ruas estreitas e tortuosas, seguem-se bairros mais recentes, servidos por caminhos bem mais largos e retilíneos. O urbanista e o arquiteto podiam desenhar a organização geral da cidade, segundo os preceitos clássicos, articular seus diferentes bairros e estabelecer seus órgãos essenciais. Mas eles podiam se colocar contra a aglomeração primitiva autóctone e, apesar da falta de obstáculos topográficos, foram as limitações históricas que conferiram ao urbanismo thysdriano sua característica específica.

O núcleo antigo de Thysdrus não permaneceu fixo, ele evoluiu no decorrer dos séculos de prosperidade excepcional que a cidade conheceu. Ele concentrava e assegurava a maioria das funções estratégicas da cidade e foi incontestavelmente o centro da vida econômica thysdriana. As descobertas mais recentes mostram inúmeras lojas, sempre de pequenas dimensões, muitos traços de atividades metalúrgicas, vários ateliês de artesãos com produções muito diversas. Com seu fórum e seus templos, esse perímetro estava no centro da vida pública, tanto política quanto religiosa. Ele abarca um grande alojamento aristocrático e muitas habitações pequenas com pátio sem peristilo, que devem pertencer à classe média dos artesãos e pequenos comerciantes, um centro de lazer com termas, um teatro que ainda não foi escavado e muitas praças públicas, lugares de passeio e de descanso.

No decorrer de um segundo período, a cidade se expandiu, irradiando a partir de seu centro antigo. Na antiga cidade arcaica, com suas pequenas casas com pátio, suas

precárias lojas de artesãos, seus monumentos públicos relativamente discretos, à imagem dos primeiros anfiteatros, e suas ruas estreitas e sinuosas, vieram a se justapor ou se substituir novos bairros e edifícios. Essa época de pleno crescimento viu a cidade se desdobrar em um urbanismo mais organizado, melhor estruturado, dominado pela maravilha de realizações monumentais. A cidade reduziu suas grandes e luxuosas habitações às artérias espaçosas de traçado sempre retilíneo. O grande anfiteatro exprimia suntuosamente a riqueza e o luxo alcançados pela cidade. Esse monumento grandioso, símbolo da prosperidade da cidade, transforma a paisagem sem relevo e monótona do platô de El Jem.

Convém, de uma maneira geral, não exagerar na perfeição das plantas em tabuleiro nas cidades africanas e de não procurar nelas a aplicação de princípios geométricos muito rígidos. Desse modo, em Sufetula, a largura das ruas e a dimensão dos quarteirões variam bastante. Algumas dessas ruas mostram um traçado em forma de baioneta, de maneira a proteger a cidade contra a violência dos ventos que assolam essa região de estepes. Da mesma forma, em Cartago, as escavações conduzidas no contexto da campanha internacional mostraram que o cadastro augusto era na verdade um modelo teórico cuja aplicação foi lenta e imperfeita. Os limites traçados pelos topógrafos não foram sempre respeitados e inúmeras irregularidades afetavam a harmonia dos esquemas regulamentares. Até mesmo o plano de Timgad, considerado como um modelo acabado do urbanismo colonial, se revela insuficientemente funcional, encerrando a cidade em uma estrutura que dificulta seu desenvolvimento. Por falta de espaço, certos monumentos não podem ocupar seu lugar habitual no tecido urbano. Desse modo, o capitólio, no lugar de ter sido construído próximo ao fórum, como era o costume, encontrou-se ao final relegado ao subúrbio ocidental. A colônia expande rapidamente seus limites: as muralhas foram destruídas, um mercado, casas, termas e novas ruas foram organizadas sem preocupação de orientações e alinhamento do núcleo colonial. Por outro lado, o espaço reservado às habitações, no interior dos quarteirões de 400 metros quadrados, não permitia uma insolação e aeração adequadas. Os proprietários mais abastados esforçaram-se então em reunir vários quarteirões e até mesmo invadirem o espaço público para organizar as habitações da maneira que lhes era mais conveniente.

A cidade, centro da vida cívica e religiosa

Aparelhos monumentais e vida urbana

Em comparação à Roma, a *urbs* por excelência, as cidades da África no seu apogeu apareciam como modelos mais ou menos reduzidos da prestigiosa metrópole. Eram dotadas, à maneira daquela, de todos os edifícios necessários à vida pública e privada e dispunham, na medida do possível, dos mesmos elementos de conforto. É por esse motivo que encontram-se arranjos urbanos e monumentos em todas as colônias romanas. Por outro lado, sempre, a força das tradições locais, assim como outras contingências, introduzem no planejamento romano elementos originais próprios à província ou até mesmo às cidades.

O centro da vida pública, sob os aspectos políticos, judiciário, religioso e por vezes econômico, situava-se no forum. Implantado de preferência no centro da cidade, na intersecção dos dois eixos principais que o cercam por dois lados, ele constituía um vasto espaço fechado, geralmente cercado por pórticos nos três lados, e compreendia um conjunto de monumentos oficiais. Tendo o acesso proibido aos carros, o espaço central formava uma esplanada pavimentada que se ligava às artérias da cidade por entradas de importância inegável: duas portas bastante modestas à sudoeste e à sudeste em Thurburbo Majus; duas portas monumentais ao sul e à sudoeste em Bulla Regia; um arco imponente em uma abertura dedicada à Adriano, em um dos acessos laterais de Althiburos, uma disposição bastante similar à Sbeitla, com um arco trazendo uma dedicatória Antonino Pio e aos seus dois filhos adotivos (139 d.C.), e cujo interior apresenta os traços de uma porta.

As dimensões do forum e o fausto dos seus monumentos existiam em função da importância da cidade. Contrariamente à agora grega, que tinha uma forma quadrada, o forum era, segundo os preceitos de Vitruvius, de forma retangular na África proconsular, com exceção do de Thurburbo Majus, que era quase quadrada. O forum de Cartago, a capital da província, era o mais vasto de todos, uma vez que ele cobria nada menos do que 13000 metros quadrados. No estado atual de nossos conhecimentos, o forum de Thysdrus (El Jem) ocupava a segunda posição, com seus 7500 metros quadrados. Realizado como um retângulo perfeito, ele formava uma dessas figuras geométricas harmoniosas caras aos arquitetos antigos. Suas proporções apresentavam relações que merecem ser destacadas: três módulos de largura, quatro de comprimento e cinco de diagonal. O módulo de base do traçado era 25 metros, ou seja, 5 cotovelos púnicos. Ele

media 75 metros de largura, 100 metros de comprimento e 125 metros de diagonal. As poucas bases e fustes das colunas que subexistem nesse forum confirmam sua aparência majestosa. Sua superfície total parece ser evidentemente superior àquela da maior parte dos forums conhecidos: Gightis (2.400 m²), Thuburbo Majus (2.400 m²), Sufetula (1.293 m²), Bulla Regia (1.014 m²), Dougga (924 m²), Althiburos (720 m²), Betalis Maior (El Faouar, próximo a Béja, 365 m²).

Os cultos oficiais

O forum reunia ao redor da sua esplanada os principais edifícios, onde se organizava a vida da cidade e as relações entre os negócios ligados ao culto e aqueles da vida política. A religião tinha um papel importante nesse vasto conjunto. Muitos templos foram construídos ali, dedicados às divindades mais importantes e em particular à tríade representada por Júpiter, Juno e Minerva, cujo culto tinha lugar no capitólio. Encarnando a majestade e o poder do povo romano, o capitólio simbolizava a ligação dos provinciais com Roma. Ele devia dominar o local e a cidade e, quando o lugar era desprovido de alturas, este se elevava sobre uma plataforma imponente, que era acessada por uma escada monumental. No pé dessa escada encontrava-se um altar destinado aos sacrifícios solenes, uma vez que os fiéis não eram admitidos no interior do templo propriamente dito. Consagrado às três grandes divindades da religião oficial, o capitólio era revestido de uma importância política considerável. Cada cidade ou estruturas próximas possuía seu capitólio, e este último estava entre os edifícios públicos mais suntuosos. Os capitólios mais bem conservados da Tunísia antiga são aqueles de Dougga, Thuburbo Majus e Sufetula. Eles são o testemunho do inegável esplendor que a arquitetura pública alcançou na África.

A lealdade dos provinciais não se limitava ao culto da tríade capitolina, em particular ao de Júpiter, o deus supremo do povo romano. Pouco a pouco, de fato, a religião imperial se afirma e em cada cidade e os templos, que eram beneficiados pela sua localização privilegiada nessas paisagens arquitetônicas luxuosas, passaram a ser dedicados ao culto dos imperadores e de sua família. No estado atual das escavações poucos edifícios foram identificados com segurança como sendo santuários da religião imperial.

Entretanto, foi descoberto muito recentemente em El Jem – antiga Thysdrus -, um monumento em que a planta, as inscrições e suas múltiplas esculturas o designam como um desses templos. Situado na zona monumental ao redor do forum, ele se abria para

esse vasto espaço de 7500 metros quadrados, mencionado anteriormente, e se impunha à visão pela sua harmonia e suas vastas dimensões.

A organização geral do edifício e principalmente as descobertas que foram feitas mostram que se trata certamente de um edifício consagrado ao culto imperial. Além disso, vários fragmentos da decoração arquitetônica esculpidos em mármore, o pátio, as galerias e as *cellae* deixaram muitos elementos de estátuas. E, atestando a característica imperial do culto que ali era promovido, foram descobertos uma couraça imperial em mármore muito bem executada, um fragmento de cabeça feminina, cujo penteado enfeitado com espigas de trigo evoca Ceres ou preferencialmente uma imperatriz representada como Ceres, uma base em mármore dedicada à uma das filhas de Marco Aurélio, Domitia Aurelia Faustina, uma cabeça que era provavelmente uma das crianças da família imperial, Annius Verus, e principalmente uma cabeça, em tamanho maior que o natural, do imperador Lucius Verus, encontrada em um ambiente contíguo à galeria norte do templo, de uma habitação vizinha, mas que pertencia seguramente ao santuário. Outros achados, estes do início do século, mas cuja localização não foi objeto de indicações suficientemente precisas, podiam ser provenientes do mesmo edifício: trata-se de duas dedicatórias feitas, uma a Lucius Verus do vivente Antonino, outra de Antonino a ele mesmo, assim como dois bustos, um pertencendo à esse mesmo imperador e o outro a sua esposa, Faustina. Constata-se que o culto era dedicado, não somente aos imperadores em pessoa, mas também às suas esposas e, até mesmo como mostra o exemplo de El Jem, aos seus filhos. Além do monumento de El Jem, podemos citar também aqueles de Bulla Regia e Asadi (Sidi Jedidi, a alguns quilômetros a oeste de Hammamet), que provavelmente também eram templos de culto imperial e que apresentaram um pouco posteriormente a mesma disposição do edifício thysdriano.

Outros monumentos do forum

Ao redor do forum, os santuários e capelas existiam em abundância. Vitruvius recomendava se construir o templo de Mercúrio nos limites da praça pública. Esse era notadamente o caso de Thuburbo Majus, onde ele se abria para a galeria noroeste. Outras divindades também tinham seus templos ao redor do forum: Apolo em Bulla Regia, Liber Pater e Hércules em Gightis... Mas o forum não reunia todos os locais de culto, uma vez que muitos santuários eram implantados em outras partes da cidade.

Por outro lado, dois monumentos civis estabeleciam-se geralmente no forum: a cúria e a basílica judiciária. Assento do senado local, a cúria se apresentava muitas vezes

sob a forma de um templo. Certas inscrições latinas a qualificavam como “templo do Senado” e a configuração da cúria de Lepcis Magna ilustra o fundamento correto dessa apelação. O mesmo vale para a maior parte das cúrias das cidades romanas da Tunísia, onde elas se compunham geralmente de duas partes: um pátio com ou sem pórtico e uma sala alongada ao fundo.

Considera-se também uma cúria a sala com ábside localizada no pórtico norte do forum de Gightis. Ela era precedida de um *pronaos* e contra a sua parede do fundo elevava-se uma edícula em ábside com a estátua da *Concordia Panthea*, uma concórdia de todas as divindades tomadas coletivamente. Entretanto, existem poucas basílicas identificadas com certeza e bem conservadas na Tunísia.

No forum as multidões afluíam permanentemente. Isso porque o centro comercial da cidade encontrava-se na sua proximidade imediata ou na sua vizinhança próxima. Na sua origem o próprio forum estava no lugar do *macellum*, ou mercado, em Roma. Depois, com o desenvolvimento da cidade, a atividade comercial foi transferida para lugares específicos. Contudo, relações orgânicas uniam o *macellum* a Mercúrio, o deus do Comércio. Zela-se sempre então para não distanciar muito um do outro. Todas as cidades africanas deviam ter um ou mais mercados, de importância variável. Os vestígios mais interessantes e mais bem conservados desses locais de negócio encontram-se principalmente em Bulla Regia, Dougga e Thuburbo Majus.

O forum tinha um papel fundamental na vida urbana em época romana. Ele era o lugar onde o coração da cidade batia, seu centro religioso, político, jurídico, econômico, social e ao mesmo tempo um espaço de lazer.

Suas funções eram tão numerosas que, nas cidades importantes ou naquelas que conheceram um desenvolvimento rápido, por vezes não havia espaço suficiente. Procedia-se então a uma separação dos lugares, justapondo ao conjunto monumental um segundo em um terreno mais livre. Esse era principalmente o caso de certos portos grandes, como Cartago onde, ao forum propriamente dito, na colina de Byrsa, veio a se juntar uma “praça marítima”, próxima dos cais. O exemplo de Mactar lhe dá igualmente o mérito de ser uma cidade, uma vez que foram encontradas nela duas praças públicas. A primeira parece ser o centro religioso da antiga aglomeração nômada, como se deixa supor a presença de um templo com cripta consagrado à Liber Pater e outros santuários de divindades protetoras da cidade. Na época imperial, um templo do culto oficial de Roma e de Augusto foi edificado nela, como garantia da lealdade da cidade. Mais tarde, sob o reinado de Trajano, mais do que aumentar e reorganizar esse velho forum que sem dúvida se

prestava mal à esse papel, preferiu-se criar, a nordeste da cidade, um novo espaço público com uma superfície de 1500 metros quadrados, ornamentado com um pórtico e um arco dedicados a Trajano.

O aparelhamento monumental do fórum comportava geralmente vários templos, mas havia também aqueles que eram completamente desprovidos destes, revestidos assim de uma característica essencialmente cívica. Quaisquer que sejam eles, mesmo quando não são construídos ao redor do fórum, os edifícios de culto romanos se encontram principalmente no centro da cidade, contrariamente aos santuários de tradição autóctone, estabelecidos de preferência nas zonas periféricas para evitar intrusões indiscretas: assim o templo de Saturno em Dougga se levanta em uma extremidade da cidade e aquele de Caelestis na outra.

Templos e vida religiosa

O perfil do templo clássico romano é bem conhecido: erguido sobre uma base artificial elevada, o podium, emprestado da arquitetura etrusca, ele é composto de um *pronaos* ou vestíbulo com colunas e de um *naos* ou *cella* que constitui o santuário propriamente dito. Este é acessado por uma escada instalada em toda a largura da fachada. Caracterizado por uma pesquisa induzida da simetria e frontalidade e geralmente estabelecido no eixo do lugar que domina, ele é concebido para ser visto de frente. O exemplo de Dougga, Sbeitla ou Thuburbo Majus mostra bem que a religião oficial era celebrada nos monumentos que apresentavam essas características principais.

A vida religiosa na África nunca tinha sido tão complexa e diversificada como em época romana, como o atesta o enorme aumento de divindades e cultos. Sem se prender a crenças atestadas no século IV d.C. pelos autores antigos, tais como a zoolatria ou a dendrolatria, que não são mais do que testemunhos fossilizados de práticas primitivas, menciona-se principalmente a essência púnico-númida. Esta tornou-se viva. Ela foi retransmitida ao panteão clássico greco-latino, introduzida na seqüência da conquista e enriquecida por contribuições constantes do mundo oriental, sobretudo iraniana com Mitra, egípcia, principalmente com Ísis e Sérapis, Anatólia com a Grande Mãe e Attis, síria com Júpiter de Heliópolis e a Dea Syria. Essas divindades foram anteriormente aclimatadas na sua terra pelos gregos e romanos, que apreciaram depois de muito tempo a atração pelos cultos orientais ou daqueles que foram introduzidos pelo vai-e-vem incessante dos comerciantes e dos militares. À todas essas ocorrências pagãs veio se

juntar, desde o século II, o cristianismo, cujo triunfo definitivo sobre o paganismo no século IV vai encaminhar o país em direção à unidade religiosa.

A maior parte das divindades romanas e em particular Apolo, Mercúrio, Minerva, Esculápio e Hércules foram objeto de cultos no interior da província, como mostram os inúmeros santuários que foram consagrados à eles, assim como as múltiplas dedicatórias e efígies que os mostram representados na sua forma tradicional, derivada de modelos gregos clássicos ou helenísticos.

Além disso, vários deuses, apesar dos seus nomes e suas representações clássicas, não eram mais do que divindades autóctones interpretadas de maneira romana. Foi assim que as grandes divindades do Maghreb púnico e númida, Baal Hammon e Tanit, latinizaram-se sob os nomes de Saturno e Caelestis, mas no fundo permanecem estritamente os mesmos de época pré-romana. Outras divindades púnicas como Eschmoun e Melqart, assimilados como Esculápio e Hércules, continuam a ser honrados no período romano, assim como Cereres, cujo culto, introduzido pelos cartagineses desde o início do século IV a.C., foi sempre praticado durante o Império. Mas a força viva da vida religiosa na África romanizada foi representada por Baal Hammon e Tanit. Senhor do céu, da terra e do além, o primeiro tinha vocação para ser quase um deus único. Ele era objeto de um fervor particular de grande parte dos africanos, principalmente das classes populares, tanto do campo quanto das cidades, onde muitos santuários foram consagrados à ele por decreto dos decuriões (portanto, do senado municipal). Tanit, sua deusa, gozava do mesmo poder e a mesma popularidade como deusa do céu e dos astros, da terra e da fecundidade, e também do outro mundo: santuários dedicados à ela foram edificadas por todos os lugares.

O tophet era a origem do templo africano, mas a passagem de um para o outro se realiza por um edifício de transição, o santuário neo-púnico, cujo estudo revela-se muito interessante para esclarecer de uma vez a origem desses lugares de culto e a vida religiosa que eles abrigavam. O modelo mais representativo desse tipo de monumento é sem dúvida o santuário de Thinissut, pequena cidade administrada pelos sufetes na metade do século I a.C. e que recebeu um grupo de cidadãos romanos na época de Augusto. Situada próximo a Bir Bouregba, a cerca de 15 quilômetros a oeste de Nabeul, Thinissut é conhecida principalmente pelo seu santuário de Baal Hammon e de Tanit-Caelestis, que domina por 20 a 30 metros o leito do oued Faouara. Escavado no início do século XX, este edifício remonta ao início do Império e parece, no decorrer de uma longa utilização, ter sofrido ampliações e transformações. Ele se apresenta como um lugar

santo, situando-se entre o tophet, igualmente consagrado à Baal Hammon e à Tanit e que era simplesmente uma área onde eram depositadas urnas e estelas, e o templo africano propriamente dito, de traçado regular, composto por *cellae* dispostas nos fundos de um pátio.

O santuário de Thinissut era, a grosso modo, formado por pátios e capelas que, à primeira vista, dão a impressão de terem sido organizadas de forma dispersa, mais é a utilização demonstrada nos vários séculos de existência do monumento que explica esses arranjos particulares. Qualquer que seja ele, o conteúdo do edifício é muito mais interessante do que o debate suscitado pelo seu desenho em planta. De fato, a riqueza e a variedade extraordinária das descobertas feitas no santuário é impressionante. Mas o que mais nos impressiona é abundância e as dimensões excepcionais das estátuas de divindades que, no lugar de serem em mármore, como ditava o uso corrente, eram todas de terracota. Disposta na entrada do templo, onde era a guardiã selvagem, uma deusa com a cabeça de leão devia inspirar o medo, com a sua crina abundante e sua força feroz, que a despeito de tudo conserva uma aparência humana. Era a deusa África, que fazia referência a Tanit, ainda mais porque Baal Hammon estava igualmente presente no templo.

Aos dois grandes protetores do território da África, Baal e Tanit, os adoradores multiplicaram as doações, na forma de estelas votivas pelos mais humildes e altares ou estátuas para os mais ricos. Mas foi a comunidade como um todo que trouxe a sua contribuição quando tratou de lhes consagrar dois santuários. É o que nos mostra uma dedicatória gravada em caracteres púnicos em uma placa de mármore datada do início do Império. Ela menciona os nomes dos sufetes epônimos e de todos aqueles que se encarregaram da construção e da decoração desses edifícios. São nomes tipicamente autóctones.

O santuário de Thinissut deixou também um grande número de estátuas quase em tamanho natural (cerca de 1,40 m), em terracota, que representavam divindades pertencentes à diversos universos religiosos. Para os arqueólogos e historiadores da religião, nada impede de identificar todas essas deusas como a onipotente Tanit, que se incarna em tantas divindades que se torna universal, como observa Apuleio.

Baal e Tanit continuam então, sob seus novos nomes, a serem honrados segundo os rituais antigos e conservam seus atributos tradicionais. É necessário dizer que os cultos oficiais que são praticados nos templos consagrados ao panteão romano ou nos monumentos do culto imperial não passavam de cerimônias pomposas e desprovidas de

qualquer fervor real. Eles não satisfaziam as necessidades mais profundas dos fiéis. As divindades protetoras e que fecundavam a terra seduziam muito mais os homens. Elas exerciam um poder de atração tão grande que sua figura não parou de se fortalecer ao longo dos séculos. Tanit figura no santuário de Thinissut sob uma forma tripla: leontocéfala, apresentada como o selo africano, montada em um leão, à moda oriental e amamentando uma criança, à maneira grega. Esses múltiplos atributos podiam satisfazer as aspirações mais variadas. Mesmo o santuário, aliás, devia fascinar os fiéis. Construído em um local de onde se vê o mar e o golfo de Hammamet, cercado por paisagens de charme encantador, o recinto sagrado de Thinissut devia ter “a grandeza e o horror do divino. Enquanto, no período das cerimônias de purificação e de sacrifícios, os deuses, segundo a fórmula de consagração, desciam nos santuários para se incorporar nos ídolos, eles deviam fazer tremer de pavor mas também de esperança os iniciados e os fiéis” (Alfred Melin).

O domínio religioso era do excedente, mais do que qualquer outro, marcado pelo conservadorismo e a ligação aos valores tradicionais. Um relevo datado do século III d.C., encontrado na região de Béja, prova a existência dos cultos locais consagrados aos *dii mauri* análogos àqueles atestados sobretudo na região de Chemtou (séculos II e I a.C.) e organizados em panteões de sete ou oito divindades. É conveniente destacar essa longa continuidade da vida espiritual não foi capaz de romper com a quebra provocada pela queda de Cartago e dos reinos nômades e com a conquista romana.

Estabelecido no setor norte-sul do sítio, na saliência de uma abrupta falésia rochosa que domina o oued Khalled e orientada para leste, o templo de Saturno, em Dougga, pode ser considerado como o modelo mais característico da arquitetura religiosa romano-africana.

A planta típica do santuário africano encontra-se em outros templos de Dougga, tais como o de Mercúrio e de Tellus, assim como em outras cidades romanas da Tunísia. Em Bulla Regia, o templo de Apolo, um dos *dii patrii*, deuses protetores da cidade, juntamente com Ceres e Esculápio, é um edifício de estilo absolutamente africano, sem podium, o que nos faz supor que ele sucedeu um local de culto africano. Da mesma forma, em Thuburbo Majus, um templo transformado em igreja cristã no século IV se relaciona a esse tipo de monumento e de mesma forma em outros lugares, como o templo de Mercúrio e muito provavelmente também aquele de Caelestis, já muito danificado.

Se, na cidade e na vida cotidiana dos cidadãos, os edifícios de culto parecem ter um papel importante, os espetáculos e o lazer ocupam nela um lugar ainda maior.

A cidade, centro de lazer e de residência

Os espetáculos e o lazer

Disseram que jamais, em nenhum país e em nenhum tempo, houve tantas festas e espetáculos como no Império romano, nem uma organização tão estadista e ativa de lazeres. É necessário divertir as massas que dispõem de vários feriados durante todo o ano, ocupá-las e represar seus instintos: “um povo que boceja está maduro para a revolta”, dizia-se. O próprio imperador dava o exemplo para as províncias e as cidades, gastando em Roma quantias colossais para distrair o povo, desviando a sua atenção dos problemas políticos. Esse fenômeno tomou uma amplitude tão grande que Juvenal, o autor satírico do século I d.C., pôde escrever: “Depois que não haviam mais votos para vender, ele (o povo romano), que outrora distribuía o poder, os fardos, as legiões, tudo enfim, esse povo rebaixado não tem mais esperança, com uma ansiosa cobiça de nada mais do que duas coisas no mundo: o pão e os jogos, *panem et circences!*”. Não podemos ressaltar de maneira melhor a enorme importância dos espetáculos do que colocando-os no mesmo nível da alimentação e dos jogos. Esses últimos, no mundo romano, pertenciam ao domínio público e eram oferecidos na ocasião das festas e em todas as circunstâncias oficiais ou privadas marcantes. Em Roma, os jogos eram realizados principalmente pelo imperador; nas províncias, eles eram organizados pelos nobres em busca da popularidade e de ascensão política e administrativa. Vimos nessa prática a manutenção de um diálogo entre as diferentes camadas da sociedade. Mas trata-se também de evitar as situações de disponibilidade que poderiam ameaçar a estabilidade do regime: “quanto mais o povo se desgasta, gritando no circo, menos a sua voz se faz forte nas assembléias”, declaram.

Na África, como em outros lugares, a mania pelos espetáculos foi tão considerável que ela sobreviveu à ascensão do cristianismo e se prolongou até a época de Santo Agostinho. Este, em um de seus sermões, repreende seus concidadãos, “os demônios que têm prazer com os cânticos de vaidade, com os espetáculos estúpidos e as obscenidades dos teatros, a loucura do circo, a crueldade do anfiteatro, os conflitos passionais – disputas, brigas – que, impulsionadas pelo ódio, colocam as pessoas umas contra as outras por causa dessa peste: uma mímica, um ator, uma pantomima, um cocheiro, um *venator*. Se eles os abandonam, é como oferecer incenso ao coração dos demônios.”

O teatro

No período Imperial, cada cidade da África possuía, ao que parece, seu próprio teatro. Com uma arquitetura comum a todo o mundo romano, esses edifícios não diferiam entre eles mais do que em suas proporções, sua capacidade e o luxo maior ou menor de sua ornamentação, como fatores que refletiam a importância relativa das cidades.

A planta típica do teatro romano é encontrada em quase todas as cidades romanas da Tunísia, com uma diferença quase freqüente, visando reduzir os custos da construção, de estabelecê-lo totalmente ou parcialmente na encosta de uma colina.

Cerca de trinta teatros são, no estado atual das escavações, visíveis na Tunísia, mas somente uma pequena parte deles está bem-conservada. O mais espetacular nesse aspecto é o de Dougga, que foi construído em 168 ou 169 por um cavaleiro romano originário dessa cidade, em reconhecimento a sua ascensão à importância de flâmine perpétuo. Sua *cavea*, que tem a sua maior parte apoiada em um rochedo, era formada por 19 degraus, repartidos em três compartimentos, atingindo uma altura de 15 metros; sua capacidade era estimada em cerca de 3.500 espectadores.

A cena possui uma colunada coríntia bastante harmoniosa e oferece atualmente uma vista panorâmica da grandiosa paisagem ao redor: “Esse teatro refinado é precedido por um pórtico que dá para a paisagem mais Virgiliana da África”, escreveu Charles Saumagne. Abaixo desse pórtico existe uma plataforma semicircular em parte pavimentada com paralelepípedos e em parte cimentada, que aparentemente não possui equivalente em outros teatros. Ela comporta, ao nível de sua parede de sustentação, um nicho que parece ter sido feito para alojar uma grande estátua. Parece que aqui trata-se de *xystes*, ou galerias cobertas, mencionadas pela dedicatória e que recebia os atletas para as competições de ginástica. A engenhosidade com que o arquiteto explorou o desnível do terreno, de cerca de 20 metros, para dispor em níveis os vários patamares sucessivos, compondo o teatro e suas dependências, é notável. Esse mesmo monumento apresenta disposições clássicas presentes na maior parte dos edifícios do gênero.

Do mesmo modo, o teatro de Bulla Regia, datado dos reinados de Marco Aurélio e Lucius Verus, tem a vantagem de estar relativamente bem-conservado, mostrando que se diferencia por certos elementos dos outros teatros da Tunísia. Ele é, de fato, um dos mais raros por ter sido inteiramente construído em um terreno plano, conforme a tradição arquitetônica clássica romana, como mostram sobretudo as abóbadas que suportam os degraus desaparecidos na parte superior da *cavea*. As arcadas dessa *summa cavea* haviam invadido uma rua, obrigando uma parte da circulação a usar duas portas, com

aberturas suficientes para a passagem de veículos, oblíquas, para passarem sob os degraus. A parte inferior da *cavea*, bem conservada, mostra que os três primeiros degraus destinados aos nobres eram mais largos que os outros, dos quais eram separados por uma galeria de circulação e uma balaustrada. A orquestra era revestida por um piso luxuoso em *opus sectile*² que vem se juntar, em época tardia, a um painel de mosaico representando um grande urso. Um mosaico branco decorava o priso da cena. Da parede da cena não resta mais do que as três portas ao fundo das ábsides. Fazendo parte dos monumentos não apoiados em uma colina, muito raros na África, o teatro de Haïdra (Ammaedara), ainda que descoberto de forma incompleta e, além disso, mal conservado, apresenta muitas semelhanças com este de Bulla Regia. Ignora-se a data da sua construção, mas duas inscrições nos informam que ele foi inteiramente restaurado no período da tetrarquia, em cerca de 299. Trata-se de um trabalho de recomposição do pórtico, que pode ter sido tanto na colonada que coroa a *cavea*, tanto uma galeria instalada atrás da cena.

Outros teatros de dimensões mais modestas e com uma capacidade equivalente (3.000 a 4.000 espectadores) sobreviveram, mais ou menos bem conservados. Os de Sbeitla e de Kasserine estão incrustados em uma colina, como aquele de Dougga, e conservaram principalmente a *orchestra* e a parte inferior da *cavea*, mas não a parede da cena, inteiramente ausente em Kasserine e muito pouco visível em Sbeitla. Importantes trabalhos de restauração e de acréscimo permitiram a reinserção desse último monumento no circuito da vida cultural contemporânea. O teatro de Cartago, por outro lado, é usado na realização de um festival anual, o que o levou a receber importantes reformas.

Construído no reinado de Antonino Pio, ao que parece, o teatro de Cartago está bem menos conservado que os outros edifícios semelhantes. Ele foi também bastante restaurado desde o início do século XIX. Contudo, ele chama a atenção por vários aspectos. Suas dimensões excedem amplamente aquelas dos outros monumentos: possui um diâmetro geral de 104 metros no lugar de 38,70m de Kasserine, 55 metros de Sbeitla, 63,50m de Dougga e 60 metros de Bulla Regia. Sua capacidade de lotação, que parece passar dos 5.000 espectadores, relaciona-se com o título de capital da província de Cartago.

² Pavimento de placas de mármore colorido assentadas de várias maneiras. (N.T.)

No estado atual dos nossos conhecimentos, Cartago foi a única cidade antiga da Tunísia que tinha um odeon. Esse edifício, construído no local onde havia uma necrópole púnica, apresentava a mesma planta do teatro, mas era menor e inteiramente coberto. Ele foi inaugurado, ao que parece, em 203, para celebrar os jogos Píticos. No seu interior realizavam-se principalmente concertos, conferências e leituras públicas, e ele atraía a população culta. Escavado no início do século XIX, revelou uma decoração arquitetônica tão suntuosa quanto a do teatro: colunas em mármore rosa e verde, cornijas esculpidas, capitéis coríntios e um número considerável de estátuas. Esse odeon encontra-se atualmente em um péssimo estado de conservação.

Costuma-se dizer que o repertório dos espetáculos realizados nos teatros eram raramente relacionados à cultura clássica, “cuja língua e muitas vezes as idéias eram pouco acessíveis ao público do século II”. Mais os textos de Apuleio e Tertuliano, assim como os mosaicos, principalmente de Hadrumentum (Sousse), mostram que ainda se apreciava, durante o Alto Império romano, as comédias e as tragédias, mesmo se as massas mostravam uma preferência marcante pelos espetáculos de mímica, com suas peças cômicas que frisavam algumas vezes as farsas abundantes, e suas danças e pantomimas que se pareciam mais com balés saídos da tragédia e da comédia, onde se misturavam o canto, a música e a mímica. De outro modo, assim como o odeon, o teatro acolhia conferências, leituras públicas, debates oratórios, e também reuniões populares. O teatro certamente possuía seus adeptos. Mas dificilmente ele conseguia rivalizar em popularidade com o anfiteatro e o circo.

O anfiteatro

Criação da arquitetura romana, o anfiteatro tinha uma envergadura realmente faraônica. Sua construção, que devia exigir um domínio técnico completo e um senso avançado de gerenciamento e de organização, talvez considerado como um dos grandes monumentos da história da arquitetura antiga. A inclinação pelos jogos de anfiteatro foi tal na Tunísia antiga que conta-se nada menos do que cerca de cinquenta anfiteatros localizados nessa região ou mencionados pela epigrafia. O fenômeno estava estreitamente ligado ao desenvolvimento do urbanismo e da romanização. Uma cidade como Thysdrus (El Jem), enriquecida pela cultura da azeitona e do comércio, possuiu ao longo do tempo três anfiteatros sucessivos, cada um deles representando na sua tipologia em planta um modelo em seu gênero. Esses três monumentos marcam a ascensão econômica da cidade, ao mesmo tempo que restituem a gênese do anfiteatro.

O primeiro anfiteatro thysdriano, escavado na rocha, chama a atenção pela sua assimetria, a irregularidade de sua forma, a clara diferença de altura existente entre as suas diversas partes e, de uma maneira geral, seu caráter primitivo.

Nos encontramos nos primórdios da arquitetura dos anfiteatros. O edifício deve sua existência à época de Júlio César, com a presença atestada dos comerciantes e agricultores italianos em Thysdrus, onde eles se dedicavam ao comércio do trigo. Talvez procurassem, eles e seus descendentes, se distraírem em um anfiteatro rudimentar, construído com um baixo orçamento. Esse primeiro modelo quase não podia sustentar a comparação com aqueles de Sutri e Luna, na Itália, que eram de época republicana mas que pareciam mais elaborados.

Por volta do final do século I d.C., um segundo anfiteatro foi construído no mesmo local. Os degraus e a arena do primeiro edifício foram amontoados e esse espaço foi preenchido com terra devolvida, organizaram-se vários compartimentos construídos e divididos, que receberam arquibancadas de terra batida ou de tijolo cru revestidos com uma camada de proteção de argamassa de gesso.

O novo anfiteatro pertence à essa categoria de edifícios estabelecidos em uma colina, que era a mais numerosa em todo o mundo romano. Na Tunísia, Thignica, Thuburbo Majus, Lepti Minus, Sufetula, Acholla, Bararus, para citar algumas cidades, possuíam um anfiteatro desse tipo. Entretanto, existiam modelos mistos, como o anfiteatro de Mactar, cuja *cavea* apresentava duas estruturas totalmente diferentes. Na sua metade norte, ela era construída e suas arquibancadas repousavam sobre abóbadas sustentadas por paredes que se irradiavam; na sua parte sul, por outro lado, ela se apoiava na encosta de uma colina. O monumento ainda se distingue por uma outra particularidade, que não encontra equivalente em sua época. Três das portas da arena, ligadas por um vasto corredor de serviço que dava a volta nela, conservaram os restos de um interessante dispositivo para introduzir os animais selvagens na arena na falta de galerias subterrâneas apropriadas. Trata-se de alguns tipos de jaulas ou de guichês incorporados à alvenaria do podium e fixados às portas: tem-se o controle dos animais em suas jaulas, que se alinham em contato com os guichês. Acionavam-se painéis deslizantes, fazendo assim os animais passarem facilmente das gaiolas para a arena, no momento desejado e sem risco.

O terceiro anfiteatro thysdriano, célebre em todo o mundo, foi inteiramente construído sobre um terreno plano, em conformidade com os grande modelos clássicos de sua categoria, como o Coliseu de Roma, o anfiteatro de Cartago, que está bem menos

conservado, e os de Arles e Nîmes. Sua *cavea*, completamente análoga à dos teatros, com a diferença que a sua forma era oval, podia comportar um pouco mais de 30.000 espectadores, o que o classificará em terceiro lugar, juntamente com o edifício de Verona e atrás do de Roma e do de Cápua, mas muito à frente dos de Pula, Nîmes e Arles. Construído um século e meio depois do Coliseu, diferia desse em vários aspectos.

Ainda que inspirado em grande parte no Coliseu de Roma, o anfiteatro thysdriano estava longe de ser uma simples cópia deste. Para construir esse monumento tipicamente romano, os arquitetos locais tomaram como módulo não o pé romano de 0,30 m, mas o cotovelo púnico de 0,50 m.

O edifício apresenta além disso inovações e melhorias em relação aos outros anfiteatros, assim como uma adaptação às condições locais. Certamente podemos ver nele um testemunho da força com a qual a romanidade impregnou a África, mas ele demonstra da mesma forma a vivacidade das tradições locais, pela sua escolha da unidade de medida, da forma de construção, pelas suas opções decorativas e até mesmo pelo fervor religioso que ele suscitava.

As inscrições e principalmente os inumeráveis mosaicos encontrados dão uma idéia bastante precisa do desenrolar dos jogos que eram oferecidos às multidões africanas durante mais da metade do ano e que duravam do nascer ao pôr-do-sol. Baseados nesses documentos, temos que esses jogos eram os mesmos que aqueles organizados em Roma ou em outros lugares, nessa mais do que na África, onde se entusiasmavam principalmente pelas *venationes* ou caças do anfiteatro. Os nobres geralmente assistiam aos espetáculos que aconteciam à tarde, reservando-se à eles as lutas mais apaixonantes e no final a mais indecisa. Pela manhã, contentavam-se com exposições de animais, simulacros de combates ou cenas mais ou menos insólitas. Era talvez esse o momento onde executavam-se os criminosos, os prisioneiros de guerra e também os cristãos. Tanto uns quanto outros eram deixados sem defesas para os animais ferozes famintos.

As sessões da tarde eram as mais excitantes: elas ofereciam combates de gladiadores ou grandes caçadas que alimentavam as paixões.

A grande popularidade das caçadas do anfiteatro suscitou a formação de inúmeras corporações e fraternidades, que mantinham e treinavam os animais tendo os jogos em vista. Específicas da África, essas fraternidades eram conhecidas sob os nomes de Telegenii, Leontii, Pentasii... As cifras e as insígnias distinguiram uns dos outros. Além disso, elas formavam colégios funerários e tinham um papel bastante ativo na produção e

exportação de óleo. Um mecenas, Magerius, que aceitou pagar com seus próprios recursos financeiros um espetáculo caro, quis deixar registrado por toda a eternidade, no piso da sua casa, com texto e imagem, o evento nos seus mínimos detalhes. Assim, os membros de sua família e todos os visitantes da sua residência guardaram para sempre a lembrança desse dia de glória.

Podemos nos perguntar qual deles, o anfiteatro ou o circo, cumpria o papel mais importante na vida cotidiana dos Africanos em época romana. A julgar pelo número de monumentos e pavimentos consagrados à um e ao outro, o anfiteatro parece ganhar. Mas sabemos também que por todo lugar no mundo romano, do início ao final do Império e, em todas as classes da sociedade, das mais altas às mais baixas, todos eram apaixonados pelas corridas. Os cavalos e os aurigas, assim como as exibições hípcas e os feitos dos vencedores, eram amplamente representados como os temas prediletos dos mosaicos africanos.

Enquanto o teatro era semi-circular e o anfiteatro elíptico, o circo, destinado às corridas de carros e cavalos, apresentava-se como um monumento retangular bastante alongado, no qual um dos lados menores era um semi-círculo e o outro um arco de círculo com raio extenso. O monumento que serviu de modelo à todos os outros, e em particular aos circos provinciais, foi o Circo Máximo de Roma, de longe o maior e mais aperfeiçoado de todos os edifícios do gênero, com 629 metros de comprimento e capacidade para acolher pelo menos 150.000 espectadores.

O circo

Os modelos mais acabados entre os circos apresentam, além de uma fachada monumental com arcadas, arquibancadas apoiadas sobre abóbadas sustentadas por paredes que se irradiam, construídas nos seus dois lados maiores e sobre o lado menor semi-circular. Sobre um dos lados maiores era arranjado o camarote do imperador de Roma e das personalidades de destaque nas províncias. Um lugar opcional, acima da porta principal do lado menor semi-circular, era igualmente reservado àquele que organizava e financiava as corridas, o *editor ludi*. Esse último liderava a procissão e inaugurava o espetáculo ou *pompa*. Os juízes também possuíam seu camarote, geralmente situado na lateral, em frente à tribuna oficial, chamado de *tribunal judicium*. Como nos outros monumentos de espetáculo, as arquibancadas eram coroadas por um pórtico. A arena, melhor dizendo, a pista onde aconteciam as corridas, era dividida em duas partes iguais no seu comprimento pela *spina*, uma base que formava a espinha

dorsal do circo, como seu nome indica. Essa era sempre decorada com estátuas, obeliscos, vários edifícios e algumas vezes tanques, o que lhe valeu o nome de euripo, *euripus*. Os postes ou *metae*, por vezes arrematados com pirâmides, limitavam suas duas extremidades. De ambos os lados da porta principal foram colocados os *carceres*, ou cabines fechadas por portas com clarabóias de onde as parelhas concorrentes partiam. Eles eram dispostos de modo a preservar a igualdade de chances entre os concorrentes. O organizador dos jogos dava o sinal da corrida jogando um lenço ou *mappa*. Deviam dar sete voltas na pista, mostrando-se bastante vigilantes nas curvas a fim de não bater nos postes ou *metae*, uma vez que o choque provocaria um *naufragium*, que podia ser fatal para o condutor. Passar bem próximo ao poste permitia ganhar alguns metros, evitando por pouco a catástrofe. Muitos aurigas tiveram um final trágico por terem cometido um erro de avaliação. As corridas aconteciam durante todo o dia, quando quatro cavaliças ou associações, as *factiones*, se confrontavam, sendo reconhecidas pelas suas cores: os brancos, os verdes, os azuis e os vermelhos. No final do Império, os verdes absorveram os brancos e os azuis, os vermelhos. Essas associações disputavam entre si pelos melhores aurigas, que elas recrutavam a peso de ouro. As multidões prestavam um verdadeiro culto à essas vedetes. O circo e as corridas, que eram objetos de apostas, como nos dias de hoje, suscitavam paixões exarcebadas. A arqueologia nos mostra que certos adeptos desses jogos não hesitavam em recorrer à magia, lançando a sorte dos aurigas das facções adversárias. Tabletas de chumbo continham imprecações redigidas tanto em latim quanto em grego, enterradas nos locais mais favoráveis aos malefícios, foram muito frequentemente encontradas no decorrer das escavações.

Na Tunísia, os circos existiam em número muito pequeno. Seria devido às proporções gigantescas do monumento e ao custo exorbitante de sua construção? Muitas cidades modestas contentavam-se em arrumar rudimentarmente um campo de corrida em um terreno plano situado abaixo da elevação de uma encosta, onde se aglomeravam os espectadores. Não seria esse o caso de Dougga, onde a posição do circo oferecido por um cidadão à cidade já trazia o nome de circo? Esse tipo de edifício não deixa muitos vestígios. No estado atual do nosso conhecimento, os únicos circos conhecidos são aqueles de Cartago, Útica, El Jem, Sousse e Dougga. Mas mesmo esses quase não nos fornecem informações, uma vez que ainda não foram escavados, e alguns, como o de Sousse, foram destruídos. Enfim, possuímos apenas alguns dados a respeito dos edifícios de Cartago, El Jem e Dougga.

A construção do circo de Cartago tem a datação estimada da segunda metade do século II. Nesse caso, ele entraria no quadro do vasto programa de edificações que dotou a capital africana do seu mais belo aparato monumental, compreendendo principalmente as termas de Antonino, o teatro e a basílica civil. O circo foi objeto de sondagens, escavações e estudos durante a Campanha internacional pela salvaguarda de Cartago, formada por uma equipe americana conduzida pelo professor Humphrey. O traçado do circo de El Jem, ainda não escavado, se destaca com uma clareza notável nas fotografias aéreas. O de Dougga está bem mal conservado.

Os muitos mosaicos que tratam das corridas de cavalos e de carros nos permitem imaginar a atmosfera do circo. A imagem de corcéis se enfrentando de um lado e do outro uma palmeira ou um símbolo de prêmio reaparece constantemente e parece específica da África. O tema do auriga vencedor é evocado sobretudo em um mosaico de Dougga, cujo painel central representa o auriga Eros em pé, triunfante sobre uma quadriga. Vestido com uma rica túnica, ele maneja uma coroa e uma palma e bate orgulhosamente com um chicote acima de uma parelha suntuosamente aparelhada. Os nomes de dois dos seus corcéis estão escritos: *Amandus*, o bem-amado, e *Frunitus*, o alegre. À direita figuram os *carceres*, esquematizados por cinco arcadas munidas de portinholas com grades. Uma aclamação: "*Eros omnia per te*", glorifica o feito do vencedor, que pertence à facção dos verdes e cujo nome evoca a influência benéfica do amor graças ao qual ele obtém o triunfo.



Mosaico do auriga vencedor de Dougga. Esse medalhão fazia parte de uma grande composição geométrica (1,45x1,10m, século II d.C., museu do Bardo).

Além dessas imagens clássicas de cavalos e aurigas vencedores, os mosaicos registraram em seus painéis os momentos mais emocionantes da corrida. Foi assim que um pavimento tardio de Gafsa representou o episódio final de uma competição.

Um mosaico de Cartago, datado do final do século II, representa uma curiosa vista do exterior e do interior de um circo onde se realiza uma corrida, segundo uma perspectiva convencional com vários ângulos de visão. A fachada de um dos lados maiores está representada com seus dois andares de arcadas, juntamente com uma vista do interior do monumento em sua totalidade.



Corrida de carro em um circo. No interior do edifício, representado com todos os seus elementos, termina uma corrida de carros. Trata-se da mais antiga representação de uma cena de circo em um mosaico na Tunísia e parece que o circo representado seria o de Cartago (Cartago, final do século II-início do III, museu do Bardo).

A paixão pelos jogos do circo dura do século II ao IV, como mostram os dois mosaicos citados. Os entusiastas dos jogos de circo se agrupavam pelas suas afinidades sociais, os nobres apoiando os azuis e o povo aderindo aos verdes. A prática de apostas favoreceu a emergência de habilidades astrológicas, cujas previsões auxiliavam os apostadores. O circo era, com efeito, comparado a um microcosmo onde o giro dos carros reproduzia a rotação dos astros, ao passo que cada facção correspondia à uma das quatro estações do ano.

O lazer em época romana não se limitava aos espetáculos do teatro e do anfiteatro, ou às corridas de carros e cavalos. Uma grande parte das distrações era fornecida pela frequência às termas.

A água e as termas

Se os banhos privados nas casas particulares eram bastante comuns na África desde época púnica, como mostram as numerosas instalações com banheiras que equipavam as casas de Kerkouane, o uso de grandes termas públicas, abertas à todo o mundo, tanto aos ricos quanto aos pobres e aos homens como às mulheres parecem, por outro lado, terem sido introduzidas pelos romanos. Essa prática levantava, entretanto, a delicada questão do abastecimento de água.

- O problema da água

A água sempre foi uma grande preocupação na Tunísia. Na época romana, ela tomou uma dimensão excepcional, devido à adoção de um modelo urbano que implicava na utilização de enormes quantidades de água.

Multiplicam-se as instalações visando compensar as deficiências da natureza. Os trabalhos de melhoria dos campos foram realizados em grande quantidade. Mas é sobretudo em matéria de hidráulica urbana que os romanos se destacaram. Os múltiplos vestígios de aquedutos, os restos de grandiosas obras de arte e as imponentes ruínas das termas – sem esquecer os inúmeros poços e cisternas, muitos deles ainda em uso – contam entre os traços mais impressionantes da civilização romano-africana e testemunham o esforço excepcional e o “saber-fazer” dos romanos em matéria de pesquisa e exploração dos recursos hidráulicos.

Em certas regiões do país, conhecidas pela abundância de suas águas, provenientes tanto de fontes quanto da chuva, as cidades puderam se equipar facilmente com aquedutos, reservatórios, fontes, gruta e termas, cuja implantação constituía um dos traços dominantes das paisagens rurais e urbanas. Cidades pequenas como Dougga ou Bulla Regia, por exemplo, dispunham, devido ao arranjo de suas fontes perenes e da adução de água, de quantidades de água suficientes para alimentar as muitas termas, os banhos privados e as fontes. Na decoração de certas casas de Útica ou Cartago aparecem também jatos de água e cascatas. A mais importante entre as obras de arte da África e a mais grandiosa de todas, aquela que, a partir do século II d.C. garante o abastecimento da capital da província, era sem dúvida o aqueduto de Cartago.

O aqueduto de Cartago captava a água de fontes que brotavam de uma falha na encosta setentrional do *mons Zeugitanus* (Jbel Zaghouan) e situadas a 70 quilômetros, em linha reta, da cidade. No penhasco, talhado em semi-círculo, foi estabelecido um santuário, para adoração dos deuses que deram aos homens essa capacidade e por lhes permitido coletar a água.

Drenadas por galerias subterrâneas em direção à bacia e no nível inferior do templo, as águas seguiam por um caminho fechado. A princípio subterrânea, essa galeria atravessava a paisagem montanhosa acidentada dos arredores de Zaghouan, fazendo um percurso sinuoso.

Sua capacidade era estimada em cerca de trinta milhões de litros por dia. Uma grande parte dessa água era despejada em gigantescas cisternas em Cartago, onde

servia para alimentar um monumental e suntuoso estabelecimento termal, edificado na costa marítima, as termas de Antonino.

Nas regiões desfavorecidas, por outro lado, a falta de água constituía um grande obstáculo para realizar plenamente os programas urbanos inspirados no modelo romano clássico, onde as termas e os monumentos utilizando água tinham um papel de destaque.

O exemplo de Thysdrus, (El Jem), ilustra bem essa situação. Essa cidade dos confins do Sahel e da estepe baixa fazia parte de um contexto geográfico pouco favorecido de recursos hídricos, mas possuía uma população bastante numerosa, à procura de um mínimo de conforto. Uma inscrição mostra que, no final do século I, as aduções de água foram realizadas para alimentar, de forma mais ou menos conveniente, uma cidade que, uma vez que se desenvolveu, veio a conhecer uma verdadeira escassez de água. O aqueduto de Thysdrus não tinha nada de espetacular: era uma obra modesta, na maior parte subterrânea, que ligava a cidade a um impluvium natural situado a cerca de quinze quilômetros. Seu procedimento de alimentação era engenhoso: quando haviam grandes chuvas, muito raras e muitas vezes de grande violência, as águas que escorriam das colinas eram reunidas em um reservatório onde, depois de infiltrarem, eram recolhidas por um sistema de captação que funcionava com poços sucessivos ligados entre si por um aqueduto. Operando como uma punção na cobertura superficial, essas obras apresentam-se sob a forma de poços de visita em pedra talhada. O aqueduto propriamente dito era constituído por um pavimento plano formando a base, dois outros dispostos em pé, compondo as paredes laterais, e dois outros outros apoiados, formando o teto. O poço de visita se transformava em poço propriamente dito no nível da base, com uma cobertura quadrada de 80 centímetros de lado que descia até o lençol aquífero. Essas visitas-poços de captação funcionavam apenas quando essa camada existia, e as águas vinham então alimentar o aqueduto, mas nos períodos de seca não se conduzia nada, e a água encontrava-se em um nível muito baixo para poder ser captada.

A alguns quilômetros de Thysdrus (El Jem), Bararus, cidade de importância mediana, também devia enfrentar as mesmas dificuldades. Ela se aparelha de cisternas monumentais que tinham “a majestuosidade das catedrais”. Elas tinham 7.600 metros cúbicos de capacidade de água extraída, por fluxo contínuo, de um poço situado a 90 metros dos reservatórios e acessoriamente fazia fluir a água na esplanada do fórum, situado em sua vizinhança imediata. Tanto ao norte quanto ao sul os esforços investidos visavam principalmente o abastecimento de água nos estabelecimentos termais.

- As termas

As termas foram concebidas seguindo plantas típicas, provenientes da Itália e reproduzidas nas províncias. Os procedimentos de banho se desenvolviam seguindo um processo repetido estritamente da mesma forma em todos os lugares. O usuário começava pelos exercícios de aquecimento, depois, após de despír nos vestiários, ele entrava em uma sala quente e, munido de um estrigilo³, raspava seu corpo, retirando a sujeira e a poeira. Em seguida, a sauna o esperava. Ele entrava nesse local para transpirar e terminar de eliminar todos os traços de sujeira. Depois ele passava para uma banheira de água quente, e ia em seguida mergulhar em uma piscina de água fria. Ele terminava seu banho em uma sessão de massagem com o uso de óleos perfumados. As pessoas de constituição frágil evitavam os exercícios físicos e permanências prolongadas nas salas quentes.

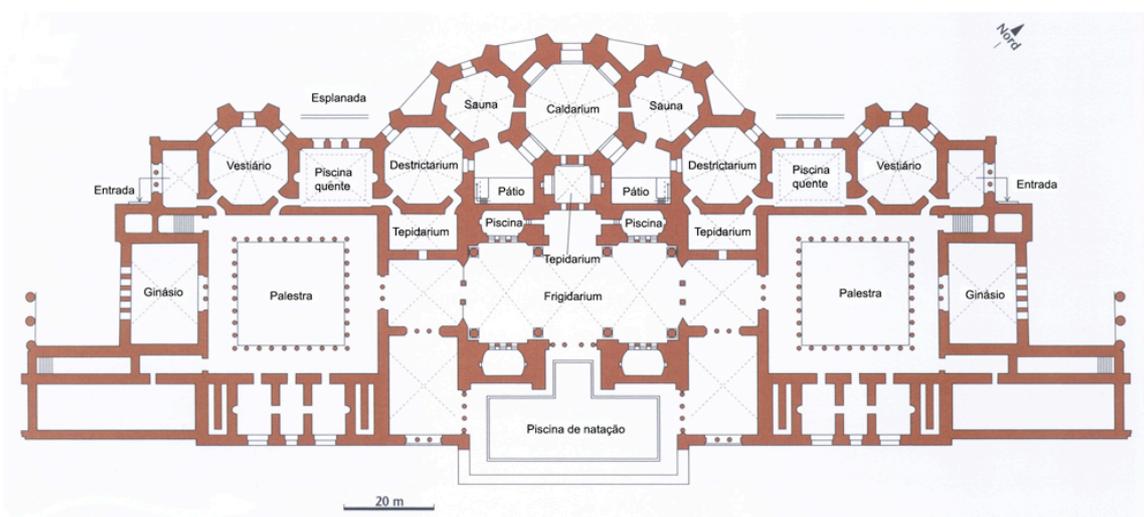
Os banhos ocupavam um lugar de suma importância na vida cotidiana dos cidadãos do império. Os ociosos passam neles todos seus dias, e podemos ler em uma inscrição célebre do fórum de Timgad, que enumera os prazeres da vida, o que segue: “Caçar, banhar-se, jogar, rir, isso que é viver.” Não era, portanto, espantoso encontrar estabelecimentos termais em todo lugar, desde as cidade pequenas e até mesmo nas aglomerações rurais mais modestas. Os arredores de El Jem, que sempre sofreram cruelmente com a falta de água, estavam coalhados de pequenos estabelecimentos termais.

Sejam elas ligadas aos bairros das grandes cidades ou situadas em aglomerações mais modestas, as pequenas termas comportavam sempre um certo número de salas indispensáveis à realização do banho segundo o costume romano. Sua planta, na maior parte dos casos simples e linear, englobava quatro compartimentos essenciais, que se sucediam na seguinte ordem: em primeiro lugar, um vestíbulo, que servia ao mesmo tempo de vestiário ou *apodyterium*, depois uma grande sala fria ou *frigidarium*, aparelhada com uma banheira de água fria, em seguida um ambiente de transição de temperatura morna (tépida) ou *tepidarium*, destinado a preparar o usuário para o calor de uma sala cruciforme, ou *caldarium*, equipado com banheiras de água quente. Junto à esse esquema linear existiam também outras plantas: em alguns casos, os cômodos eram organizados de um lado e do outro do *frigidarium*, que ocupava uma posição axial; em

³ Pequeno instrumento, feito de metal recurvado, usado na Grécia e Roma antigas para raspar a sujeira e o suor do corpo.

outras situações, foi adotada uma disposição circular. Frequentemente as latrinas eram dispostas em um dos ângulos do edifício.

Os grandes estabelecimentos termais, por outro lado, exigiam soluções muito mais elaboradas para permitir o acesso das multidões que, a cada manhã, se espremiavam nas portas do edifício, e organizar a sua circulação no seu interior. Os arquitetos multiplicaram as entradas e, principalmente, criaram uma planta simétrica, baseada na duplicação de certas salas. Desse modo, o fluxo dos banhistas encontrava-se dividido em dois grupos, avançando em um sentido único. As termas de Antonino em Cartago aplicam essa fórmula de uma maneira notável.



Termas de Antonino em Cartago. Planta do andar dos banhos.

A originalidade das termas de Antonino reside na forma poligonal das salas e em sua disposição semi-circular, sem dúvida imposta pela exiguidade relativa do terreno. Mas ela também se encontra na suntuosidade da decoração: as colunas caneladas do ginásio, “brancas como a neve e brilhantes como cristal” (El Bekri, século XI), as colunas das palestras com os fustes lisos em mármore amarelo de Chemtou, colunas em granito vermelho do *frigidarium*, dentre elas oito enormes, medindo 1,45m de diâmetro. À esse respeito El Bekri escreveu: “Sobre o capitel de uma dessas colunas, doze homens podiam se sentar com as pernas cruzadas e ter entre eles uma mesa para nela comerem ou beberem.”

Ainda que menos grandiosas e de proporções bem mais modestas, muitas termas das cidades menores apresentam um estado bem melhor de conservação e mostram, atualmente, um aspecto ainda mais espetacular. Podemos citar a esse respeito as termas de Dougga, Bulla Regia, Thuburbo Majus e Mactar.

As termas de Julia Memmia em Bulla Regia também merecem ser mencionadas. Sua planta diferia, de fato, daquela dos estabelecimentos de Cartago e de Dougga e seus imponentes vestígios são considerados entre os monumentos mais espetaculares do local. Thuburbo Majus se diferenciava principalmente pela existência de termas de verão e termas de inverno, reconhecíveis sobretudo pela orientação das salas quentes ao norte, para as termas de verão e ao sul, para as termas de inverno. Mais as maiores termas, e principalmente as de Cartago, eram programadas para funcionarem tanto no verão quanto no inverno.

A arquitetura doméstica

Com seus monumentos de prestígio, muitas vezes grandiosos, a arquitetura pública antigamente monopolizava a curiosidade dos leigos e era a preferida dos sábios. Mas, nos últimos tempos, o interesse estende-se igualmente sobre a arquitetura doméstica. De fato, ela constituía o quadro íntimo dentro do qual se desenrolava a vida privada dos habitantes e ela é, nesse aspecto, um dos elementos fundamentais da civilização.

As habitações na Tunísia antiga apresentavam traços comuns, devido às realidades básicas, mas também uma grande diversidade nos detalhes. Dizia-se que a casa, muito mais do que qualquer outro monumento público ou privado, era “filha do clima”. Na Tunísia, os rigores do inverno são bem menos temidos do que o calor do verão. Os cômodos da casa também se organizam ao redor de um pátio a céu aberto. Essa abertura constitui o traço permanente da habitação em todos os períodos históricos. Mediterrânea em seu esquema básico, enriquecida por inúmeras contribuições vindas tanto do Oriente quanto do Ocidente, a casa romano-africana traz além disso a marca de sua adaptação às condições locais específicas. Em outros lugares, dependendo da fortuna do proprietário, ela se apresenta seja sob a forma de uma modesta habitação com pátio simples, seja de um domicílio de vastas proporções, agrupando várias dezenas de cômodos em torno de um peristilo imponente e aparelhada com apartamentos anexos e uma infinidade de dependências.

O esquema clássico da grande moradia romano-africana é aquele de uma habitação mais ou menos fechada para o exterior, mas sempre muito aberta para um espaço interior, arrumado como um jardim. Entradas em chicane (zig-zag) e o uso de vestíbulos, lojas e corredores como anteparos permitem que a casa propriamente dita fique isolada do mundo da rua. A preocupação de esconder o interior dos passantes não

tem nada de romano e aparece aqui como uma característica tipicamente oriental que pode ser encontrada tanto entre os Púnicos quanto entre os Gregos. A moradia abre-se assim para um jardim ou um pátio com peristilo. As escavações não revelaram em nenhuma parte da Tunísia a existência de um *atrium*, característica própria das casas romanas. O domicílio romano-africano, pelo arranjo geral de sua planta, tomou portanto como modelo, incontestavelmente, a casa púnico-grega. Mas esse esquema, válido para a organização geral da moradia, não pode dar conta da complexidade tipológica das habitações que abarcam as diferentes cidades. Do palácio ao domicílio, passando pelas vilas suburbanas, rústicas e da costa marítima, sem se esquecer dos imóveis de relações com vários andares e das habitações modestas, existe uma infinidade de tipos suscetíveis de diversificação, ainda mais por causa da geografia regional e das diferenças de fortuna entre seus proprietários. Sem entrar demais nos detalhes, uma apresentação geral das residências pode dar uma idéia suficientemente precisa da arquitetura doméstica na Tunísia no Alto Império Romano.

Em certas cidades importantes, como Cartago, Útica, Hadrumetum (Sousse) ou Thysdrus (El Jem), as escavações revelaram a existência de grandes moradias com uma decoração muito rica. Geralmente situadas nos bairros periféricos, onde o espaço quase não era quantificado, elas se estendiam sobre vastas superfícies que muitas vezes ultrapassavam 1.000 metros quadrados e algumas vezes chegavam a atingir 2.500 a 3.000 metros quadrados. Elas eram frequentemente abertas com entradas monumentais que davam acesso à grandes vestíbulos, que comportavam muitas cabines de guardas. O pórtico, ornamentado por belas colunadas, ricamente esculpidas e decoradas com estuque pintado, delimitava um espaço central bastante vasto à céu aberto, que era um jardim. Fontes, tanques ou ábsides revestidas com mosaicos com motivos marinhos decoravam os cantos do peristilo, oferecendo um belo panorama às salas situadas no seu lado oposto. Essas salas, geralmente espaços de recepção, constituíam ou o *Oecus*, salão suntuoso com colunada interior e com vastas galerias de serviço, podendo chegar a uma superfície de 300 metros quadrados, ou o *triclinium*, salão-sala de jantar, reconhecível pelo seu mosaico em forma de U que recobria as camas dos convivas e de T com belos motivos apresentados para a admiração dos convidados. Podia também tratar-se de exedras de recepção, reconhecíveis pela largura de suas entradas e pela riqueza de suas decorações. Várias salas de jantar secundárias, destinadas às refeições ordinárias da família, abriam-se para o peristilo. Essas vastas moradias possuíam dois tipo de quartos de dormir, alguns simples, outros para ostentação. Muito frequentemente,

eram precedidos por ante-câmaras, a fim de preservar sua intimidade. Esses quartos podiam se apresentar aos pares e, nesse caso, um dos dois cômodos revelava-se mais importante do que o outro. Em cada um deles, a posição da cama é facilmente identificada pela sua decoração simples, geralmente um desenho geométrico, quando a parte visível do piso apresenta ornamentos bem mais elaborados, como motivos figurados. Os quartos de ostentação, de sua parte, eram igualmente compostos por dois ambientes distintos: o primeiro, elevado cerca de trinta centímetros acima do solo, era marcado pela localização da cama, o segundo, muito mais amplo e melhor decorado, constituía um espaço livre no quarto. Uma das casas de Thysdrus (El Jem) apresenta uma decoração particularmente bem-arrumada e adaptada a um ambiente de alcova: o medalhão central do mosaico representa o rapto de Ganimedes e ao seu redor são representadas, ao lado das quatro estações e de Leda seduzida pelo cisne, cenas eróticas. O cuidado em se adaptar a decoração à função do ambiente levou a se concentrar as cenas de cômico e os nus mais sugestivos mais próximos da banquetta e da cama. Este é o espaço mais fechado da casa, onde se desenrola a vida íntima do casal. A casa tinha também outros ambientes: locais para as provisões, cozinhas, quartos para os escravos e os empregados... Essa parte principal da casa se comunicava com um ou vários outros apartamentos guarnecidos de peristilos, pátios com dois ou três pórticos ou providos de simples vãos, para a entrada de ar e de luz. Era provavelmente nesses apartamentos que acontecia a vida familiar, nas horas de afluência dos visitantes e da clientela do chefe da casa, como também nos momentos onde desejava-se uma situação menos solene do que aquela que se apresentava no grande peristilo e na sala de recepção. Muitas vezes, com seu pequeno jardim, seu pórtico e seus ambientes principais voltados para o leste, esses apartamentos gozavam da melhor orientação em todas as estações do ano e prestavam-se, mais do que qualquer outra parte da casa à vida familiar e ao descanso. No total, essas moradias dispunham de várias dezenas de ambientes, alguns dos quais certamente eram aquecidos por um sistema de chaminé e de hypocausto, fazendo circular o ar quente pelos pavimentos. Muitos poços e cisternas asseguravam o fornecimento de água, porém alguns privilegiados dispunham de água corrente em seu domicílio, como nos ensina uma inscrição de El Jem, confirmada pela arqueologia. Nas regiões setentrionais da Tunísia, onde não havia escassez de água, muitas moradias puderam se equipar com termas privadas e latrinas.

Em algumas regiões, certas particularidades das habitações podiam ser explicadas pelos dados topográficos ou de clima. Em Dougga, a famosa casa do *trifolium* foi construída em dois níveis, na encosta de uma colina. Uma parte alta, que se abre para uma rua, comportava essencialmente as áreas íntimas e a cozinha. A parte inferior, ligada por uma escada e que se comunicava com uma rua baixa, dispunha de um imponente peristilo ao redor do qual estavam distribuídas as diversas salas, das quais uma possuía uma forma de trevo, e devia servir como *triclinium*. Uma pequena fonte decorava uma das galerias do pórtico. A posição abrigada desse nível térreo assegurava assim uma certa proteção contra o calor.

Em busca do frescor, os arquitetos de Bulla Regia recorreram a uma solução bastante engenhosa que não existia em nenhum outro lugar, nem na África nem no resto do mundo romano. Na bacia onde a cidade havia se estabelecido e onde se concentrava um calor insuportável no verão, eles organizaram moradias com dois andares e plantas idênticas. O andar superior, na realidade o nível da rua, servia como habitação de inverno e o andar inferior, subterrâneo, era ocupado durante o verão e comportava um pátio com peristilo, proporcionando ar e iluminação às salas de recepção, quartos de dormir e cômodos de serviço. Mosaicos suntuosos, muitos deles figurando entre as mais belas obras do rico repertório da Tunísia antiga, pavimentavam algumas salas desses andares inferiores e confirmavam, caso fosse necessário, que longe de serem porões ou construções utilitárias, tratava-se mais de um conjunto residencial coerente e decorado com o maior cuidado. Essa configuração poderia ter sido herdada das tradições troglodíticas berberes que foram conservadas no massivo de Matmata, no sul do país, até os nossos dias.

Definitivamente, a arquitetura doméstica na Tunísia na época romana apresenta muitas características originais em relação à arquitetura clássica romana. Além disso, ela se distinguiu por uma certa unidade de concepção já presente em época pré-romana. Mais ela era caracterizada principalmente pela suntuosidade da decoração do mosaico dos pisos.